EXPEDIENTE.

Tivemos a honra de receber a carta do Sr. Jardim, esperamos continuar a receber mostras da consideração, que tivemos a fortuna de lhe merecer.

Com muito gosto recebemos a prova de que o nome do Sr. Rodrigues de Gusmão continuará a honrar as paginas deste jornal.

A communicação do Sr. João José de Sousa Telles, chegou muito tarde ao nosso Escriptorio, para poder ser hoje tomada em consideração. — Fica para o n.° seguinte.

Publicações recebidas. — Paragone fra diversi sistemi di filar bozzoli di seta dell'ingegnere Giulio Sarti.

Sullo stato del setificio in Italia, memoria leta al VI congresso scientifico in Milano dall'ingegnere Giulio Sarti.

Oração na inauguração do retrato de Sua Magestade Imperial o Sr. D. Pedro, Duque de Bragança, na Real Bibliotheca Publica da cidade do Porto.

Authopsia dos partidos politicos e Guarda-Quedas dos Governos, ou Ensaio sobre as continuas revoluções de Portugal.

Jornal da Sociedade Pharmaceutica.

CONHECIMENTOS UTEIS.

A SANCTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA, NO ANNO ECONOMICO DE 1846 A 1847.

92 Um livro que tenha por fim demonstrar os beneficios do Christianismo parece um livro inutil, quando se pensa nas magestosas obras, que os seus dogmas crearam. A charidade é a virtude, que mais numerosos fructos teem deixado sobre o mundo.

Os homens alcançaram por meio desta virtude, que a Misericordia Divina tivesse na terra uma perfeitissima imagem.

Os sanctos asylos, que a charidade offerece ao pobre e ao desamparado, são como uma pedra de toque, para nos darem o valor dos interesses physicos e moraes de um paiz.

Esses asylos nascem do Evangelho, mas as paginas das sciencias economicas teem registado cuidadosas toda a sua historia.

A analyse da sciencia não combate o pensamento abençoado, que dá origem aos estabelecimentos de beneficencia publica: o seu empenho é só que o abuso não limite os beneficios. É um erro pensar o contrario.

Em toda a parte onde os povos vivem á sombra da Cruz, essas instituições prestam á humanidade avultadissimos auxilios.

As idéas que representam são as mais respeitaveis, que existem.

A historia da nossa terra é riquissima n'este ponto. Talvez não haja na Europa, outro exemplar de tam ardente charidade.

Ás coroas de muitos dos nossos Reis, aos brasões dos nossos nobres, e ás sepulturas rasas dos burguezes, estam ligadas as primeiras paginas da edificante historia dos importantissimos estabelecimentos pios, que teem havido em Portugal.

Até a arte prestou entre nós preito e homenagem a tam excelsa virtude.

O quadro de Grão-Vasco, denominado o quadro da Misericordia, é sem duvida um dos maiores monumentos da pintura portugueza.

Quando visitámos a Sancta Casa da Misericordia do Porto ahi o vimos, e admirámos, além da primorosa execução e do subido valor historico, o elevadissimo pensamento, que do Sangue do Redemptor pregado na Cruz fizera rebentar a divina virtude, que ao passo que accudia aos infelizes, fazia curvar ante si o mais afortunado e poderoso dos nossos Reis.

A digressão será perdoada por quem, como nós, já teve a ventura de vêr esse quadro, verdadeiramente portuguez, no qual El-rei D. Manoel e a sua numerosa familia veneram a imagem do Salvador do mundo, que por meio do maior dos sacrificios, fez surgir das sombras da morte a primeira licção do amor do proximo.

Quando se medita sobre tam importante assumpto, quando bem se avaliam as relações, que o ligam á nova civilisação, sente-se o desejo de poder estudar a sua historia. Mas onde estam os elementos?

Ahi andam dispersos e incompletos os que existem, como outros muitos de egual valor. A censura em taes casos é uma perda de tempo. Nisto como em tudo, basta que nos emendemos, e que tenhamos a boa lembrança de auxiliar os esforços que se façam, tributando-lhe o devido louvor.

Este ultimo ponto, será sempre um dos empenhos da nossa redacção.

Os documentos, que nos remetterem relativos aos objectos comprehendidos no plano da Revista, hão de merecer toda a nossa attenção; e se a intelligencia nos falta para bem os avaliar, a experiencia propria de alguns delles nos ensinará a fazer completa justiça ao zelo dos seus auctores.

Vimos com prazer, que a imprensa simpatisou com as poucas linhas que escrevemos, por occasião de fallarmos, em que a Santa Casa da Misericordia estivera patente no dia da commemoração dos Santos Innocentes. A nossa satisfação proveio, não da vaidade de vermos reproduzir a nossa humilde opinião, mas de reconhecermos que todos faziam egual justiça ao zelo e intelligencia dos benemeritos administradores desse estabelecimento.

O que dissemos, foi apenas uma pequena avença por conta do que hoje revelaremos em seu abono, resumindo unicamente as contas da gerencia da Commissão Administrativa, relativas ao anno economico de 1846—1847.

A receita no referido anno importou em	135.853$551	réis.
A despeza em	133.194$015	»
Saldo em cofre no dia 30 de junho de 1847	2.659$536	»

O relatorio que precede a conta é claro e bem escripto, e cabalmente demonstra, em poucas palavras, a crise perigosa de que sahiu tam util estabelecimento. Os limites da Revista é que nos privam de o publicarmos na integra.

A receita comparada com a do anno anterior teve a diminuição de 17.032$759. Esta diminuição eleva-se a 23,330$703 juntando-lhe os 6.297$944 das duas

decimas descontadas pelo Thesouro Publico em os juros reaes.

A despeza augmentou consideravelmente com a carestia dos generos e com o augmento dos expostos, que afluiam á Santa Casa vindos pela roda, restituidos pelas amas, ou trazidos pelos que lhes não podiam continuar a pagar o trabalho. As desgraçadas circumstancias, em que o paiz tem estado, deram sobejas causas para tudo isto.

Os zelosos Administradores tiveram coragem para arrastar com tam avultadas difficuldades, e por varias vezes se dirigiram ao Governo, que não podia deixar de os attender. O Governo procedeu como devia e a Santa Casa póde cobrar animo, a fim de não desanimar no empenho de fazer com que se não realisasse o lastimoso facto, de se fechar algum dos seus beneficos estabelecimentos.

A sua missão era dificil, e bem a explica em as seguintes palavras:

« Não obstante as difficeis circumstancias em que « a Commissão se tem visto, para occorrer á manu- « tenção dos Estabelecimentos a seu cargo, comtudo « entendeu ser da sua rigorosa obrigação não deixar « esquecidas as beneficencias ordenadas por diversos « testadores, que com taes onus legaram seus bens á « Santa Casa; pois que se a necessidade de milhares « de innocentes abandonados do seio materno recla- « mavam prompto soccorro; a miseravel viuva; a or- « fã; o indigente, e o infeliz prezo, estendiam a « mão supplicante para a esmola que não se lhes po- « dia recusar. »

Por estes motivos, apesar do avultado supprimento que teve de fazer aos expostos na importancia de réis 26 709$338 ainda póde conferir 66 promessas de dotes importando em 5:330$000 rs., distribuiu pela Semana Santa 123 esmolas, abonou 230 dietas de carne a diversas visitadas, além dos medicamentos que lh s foram ministrados. A conducta dos doentes que foram ás Caldas compoz-se de 227 pessoas. Pelo esquife do enterramento dos pobres fallecidos na capital deu á sepultura 2.133 pessoas.

Ao recolhimento das orphãs, e ao hospital de Nossa Senhora do Amparo, e enfermaria de Santa Anna, não faltaram os auxilios de que precisaram.

O hospital dos expostos foi o que mais difficuldades appresentou á diligente administração.

Durante o anno a que nos referimos entraram pela roda 2.523 expostos, sendo mais 250 de que no anno anterior. Dos que estavam em poder das amas foram restituidos á Casa 1311, ou mais 511 que no anno antecedente.

Esta restituição é a morte, como mui bem o explica a commissão quando diz:

« Aquelle extraordinario numero de entregas, ou « restituições produz o mais terrivel effeito na sorte « dos innocentes; as continuas mudanças de uma pa- « ra outra ama; a differença do afago que experi- « mentam, muitas vezes bem longe de ser parecido « ao affecto maternal, influe de tal fórma n'aquellas « naturezas debeis, que ou as faz perecer, ou lhes « altera sensivelmente a saude.

O atrazo do pagamento das amas é que promove estas desgraçadas restituições.

A insufficiencia dos rendimentos destinados para os expostos conhece-se bem quando se nota que os supprimentos que lhes tem feito a Santa Casa desde 1782, prefazem até 30 de junho do anno findo 268:947$467rs.

A mortalidade nos expostos foi muito maior, e as causas ficam ponderadas.

Falleceram na casa 201, e fóra 752, excedendo os primeiros 205 os do anno anterior, e os outros 405. Os córtes que a crise commercial fez em muitas despezas particulares as augmentou de 344 o numero das expostas despedidas pelas pessoas que as tomaram para o seu serviço.

A Santa Casa ao cabo de tantas difficuldades, e com os seus rendimentos tão diminuidos e apoucados, apenas appresenta uma divida passiva de 57:549$318, sendo só 23:894$233 pertencente ao anno economico de 1846 a 1847.

O thesouro publico deve-lhe até 31 de julho de 1833	145:771$523
Do 1.º de agosto de 1833 até 30 de julho de 1846	195:182$989
Do 1.º de julho de 1846 até 30 de julho de 1847	15:717$100
Juros reaes desde 26 de maio de 1836 até 30 de junho de 1847. .	272:524$629
Total	629:196$241

Os expostos que entraram pela roda durante o anno, foram mensalmente em o numero que mostra seguinte nota, que organisamos á vista da conta n.º 8 do relatorio em que já fallámos:

1846	Julho	189
	Agosto	182
	Setembro	203
	Outubro	196
	Novembro	208
	Dezembro	191
1847	Janeiro	223
	Fevereiro	212
	Março	259
	Abril	251
	Maio	217
	Junho	194
	Total	2,525

Neste numero apenas se inclue um desamparado! Seja dito em abono dos bons costumes.

A falta de eguaes esclarecimentos relativos ao passado, e a todos os expostos do reino, torna de pouco valor qualquer combinação, que se possa fazer com estes algarismos.

Para se formar idéa do quanto a Santa Casa merece a protecção do governo, e a de todas as almas caritativas, basta pensar no numero de expostos que tem a seu cargo, e a qual consta de:

Expostos até á idade de 1 anno	1,674
« de 1 a 2 annos	802
« de 2 a 3 «	921
« de 3 a 7 «	1,843
« de 7 a 10 «	1:006
« em officios	80
« a vestir	1,502
« por soldadas	465
« na Santa Casa	716
« fóra da Casa emancipados	32
Total	9,041

Parece-nos que é a primeira vez, que a conta da Santa Casa appresenta os dados importantissimos, que para este resumo trasladamos. É mais um motivo de louvor.

O trabalho que temos feito é apenas um ensaio, para mostrar a necessidade de organisar uma estatistica perfeita deste ramo da administração publica.

Se o governo prestar a este ponto a attenção que merece, ha de colher bons resultados das instrucções, que fizer neste sentido. Compete-lhe dar o impulso e publicar o que se averiguar.

Sobre as Misericordias do reino pesará a responsabilidade de satisfazer as ordens do governo, e estamos certos que no desempenho dessa obrigação se hão de haver mui bem. Assim o provam as contas de que temos fallado. — Quem as examinar conhecerá que ainda ha empregados que sabem trabalhar com proveito, quando em logar da multiplicidade do registo de muitos papeis inuteis, os encarregam de confeccionar esclarecimentos, que podem prestar muito auxilio á sciencia e á moral da nossa patria.

Reservamos para outro numero as considerações, que julgamos dever fazer sobre os *Expostos*, mormente em relação ao nosso paiz.

COMMUNICAÇÃO RELATIVA AO CHLOROFORME.

93 O Sr. José Tedeschi em 31 do mez findo partecipou-nos, que na vespera, 30, communicou á Sociedade Pharmaceutica, que havia obtido chloroforme, expondo o processo que empregára, e as propriedades physicas e chimicas do producto. O n.º do nosso Jornal, em que fallámos sobre tal assumpto, foi publicado no dia 30 pela manhã.

Quanto á parte da sua carta, em que gratuitamente nos attribue as intenções de stygmatisar a Sociedade das Sciencias Medicas, e os particulares, a resposta está em o nosso artigo n.º 70, ao qual o Sr. Tedeschi se refere, mas que não leu com a devida attenção. Estamos em perfeito accordo com essa illustre sociedade, e não ficamos inferiores á vaidade de ninguem, no desejo, e nas provas, que temos appresentado, do quanto em tudo nos interessamos pela gloria da nossa terra.

BRANQUEAMENTO DO LINHO ANTES DA FIAÇÃO.

94 Em 1845, Mr. E. Mariotte, chimico de Bruxellas, obteve uma patente de invenção, por haver conseguido branquear o linho antes da fiação, quer esta se faça á mão, quer por machina. Os linhos e as estopas preparadas foram fiadas, tecidas e tintas; e conheceu-se pelas diversas experiencias, que supportam estes trabalhos muito mais facilmente do que os linhos crús. O fio do linho branqueado tem um terço mais de fortaleza do que o fio de linho crú; tem um grande brilho; parece se com a seda, e possue as qualidades indispensaveis para ser empregado em todos os diversos fabricos. Em menos de um mez, se póde branquear o linho, fia-lo, e tecel-o, e appresentar o panno prompto ao consumo. Facilmente se conhece as immensas vantagens que encerra este util processo. O branqueamento por este processo tem a vantagem de preservar o linho do curtimento ordinario, que mais ou menos sempre o altera, e transformar o fio grosso em fino.

Possue mais este processo a vantagem de substituir o branqueamento ordinario do linho para rendas, que o fasia perder 30 por cento do seu pezo.

(Chronique de Courtrai.)

NOVA PREPARAÇÃO VEGETAL PARA TINGIR DE AZUL, POR M. METCALF, DE LEEDS.

95 Esta invenção tem por objecto fabricar uma nova materia, submettendo as folhas da chicoria ao mesmo processo que as do pastel.

O auctor começa por pizar estas folhas em um almofariz, similhante ao de que se usa para as do pastel; depois reduz esta massa a pequenas bolas, para as secar convenientemente. Parte depois estas bólas, e deixa-as fermentar. Conseguido isto estão promptas para dellas se fazer o uso conveniente.

(Journal des Usines.)

PANNOS IMPERMEAVEIS.

96 O Sr. Joaquim Antonio de Freitas teve a bondade de nós partecipar, que mandára imprensar algum fato á botica da travessa da Victoria n.º 18, obtendo os melhores resultados. — Já tinhamos conhecimento da perfeição com que n'esse estabelecimento se praticava este processo sobre qualquer estofo.

Aproveitamos gostosos a occasião de animar o introductor deste invento, e esperamos que tire algum fructo do seu trabalho.

ESTALEIRO DOCKA.

O Sr. Manoel Luiz dos Sanctos remetteu-nos um extenso trabalho sobre este invento, o qual vamos hoje começar a publicar.

A variedade de materias, que a REVISTA comprehende, obriga-nos a reservar a conclusão para o n.º seguinte.

A competencia do Sr. Sanctos nestas materias, é bem conhecida. Ha mais de quarenta annos que exerce a mui distincta profissão de constructor naval, e já foi 1.º engenheiro constructor naval dos arsenaes de marinha, de Pernambuco e de Lisboa.

Consta-nos que nas suas viagens visitou alguns dos principaes arsenaes, e que em Inglaterra obteve *patente* de invenção de um novo machinismo de polés, ao qual deu o nome de *Polypasto de Sanctos*.

Estes motivos nos dispensam de accrescentar quaesquer reflexões nossas sobre similhante ponto.

E apenas nos limitaremos a publicar este trabalho, como uma prova de quanto desejamos o melhoramento do grandioso porto de mar, com que a natureza nos brindou, sem deixar de fazer conhecer a consideração que temos pelo Sr. Sanctos, o qual por differentes modos tem desejado, concorrer para a prosperidade do nosso paiz.

I.

97 É bem sabido que inventei um novo *Artefacto naval*, ao qual dei o nome de *Estaleiro-Docka*, podendo este, por via da *Docka*, admittir mais navios, que os *planos inclinados*, aproveitando d'estes, a parte inferior, que a maré, *de cheio*, inutilisa, e que em sua maior parte é aproveitada, pelo logar da *Docka*: tendo por tanto, este novo artefacto-naval, as duas vantagens encontradas no *plano-inclinado*, e na *Docka seca*: por quanto reune, em um só *artefacto*, as vantagens e conveniencias de ambos; invento pelo qual alcancei do Governo de Sua Magestade, *Patente de inventor* com o exclusivo por 15 annos. Cheguei a ter formado uma Direcção de Cavalheiros distinctos, para a formação de uma companhia colossal, que estabelecesse os *Estaleiros-Dockas*, em os principaes portos d'este reino: os acontecimentos politicos que occorreram foram causa de já se não haver começado a sua construcção.

Tem estado, desde então, paralisado este negocio, á espera do estado normal, em que entrem os creditos publicos, antes de soffrerem, o que tem soffrido. E apesar d'isto as querenas sobre as barcaças, sempre continuaram a serem feitas sem diminuição da affluencia das mesmas, não só agora, mas mesmo no tempo da maior força da commoção politica, o que é prova evidente da utilidade que haveria em se ter já construido o *Estaleiro-Docka*. Por este motivo, julgo que não serão destituidas as reflexões, que passo a fazer sobre esse invento, pois que as querenas teem augmentado gradualmente, todos os annos, em razão do maior numero das embarcações, que tem tido a nossa marinha mercantil.

Os habitantes da cidade do Porto tem tanto gosto pelos artefactos navaes, que tem continuado a construir de 15 a 20 embarcações em uns annos pelos outros. Tendo se construido em Portugal durante os ultimos 25 annos, para mais de 300 embarcações do commercio. A *Revista Economica* em o seu n.º 6 do vol. 1.º de 1846 a pag. 85 no artigo *construcção naval* dá-nos a pag. 86 um mappa das construcções portuguezas, feitas em 1845, em que mostra que só no Porto e Villa do Conde se construiram 16 embarcações, comprehendendo em suas lotações 3 354 toneladas, fóra uma feita no Tejo, com 318 toneladas, vindo a ser ao todo 17 embarcações, com 3:672 toneladas: ainda este anno de 1847, só a cidade do Porto, deu 12 construcções navaes: do que se depreende o grande augmento, que de anno para anno vai tendo de embarcações novas a nossa marinha mercante principalmente na provincia do norte. Em 1837 construiram-se embarcações no Porto, na Figueira, Vieira, S. Martinho, Setubal, e Lisboa.

Em consequencia deste feliz resultado, forçoso era que as *querenas*, augmentassem todos os annos, por quanto as feitas em Lisboa, em 1842 e 1843, (dedusido dellas o meio termo) foram 87, isto é querenas feitas sobre barcaças; e o anno passado passaram de 110 ou 112, além de que construindo-se o *Estaleiro-Docka* deverão augmentar muito, porque um grande numero de querenas, que as embarcações de menor lote fasem nas praias, virão faser-se no *Estaleiro-Docka*, em consequencia da vantagem de poder querenar em *uma maré d'ambos os lados do fundo vivo*, e a pé enxuto, quando as querenas nas praias são a pé molhado, e gastam *pelo menos* duas marés, arruinando seus encolamentos, pelo pendor alto, que gravita sobre elles, porque apoiam de encontro ao chão da praia, logo que lhes falta a maré e ficam em secco. Além de que os rendimentos devem crescer muito mais porque tambem se deve contar com as querenas de 1:500 embarcações, de carga, descarga, transporte, e de pesca de dentro e fóra do porto, e Riba-Téjo, que querenam pelas praias, mas que as vantagens do novo artefacto, as levarão a ir querenar sobre elle.

Por diversas vezes, varias embarcações estrangeiras, teem buscado este porto, como um dos melhores da Europa, na idéa de que já possuiamos algum dos dictos *artefactos-navaes*, em que encontrassem as referidas vantagens, e não as encontrando, tiveram de retirar-se delle por não poderem conseguir fazer seus fabricos (sem descarregar) sahindo em demanda de porto estrangeiro, para o fazer! Um desses navios vindo aqui arribado com agua aberta, carregado de pedra marmore d'Italia, para a construcção do mausoleo de Napoleão, para o qual condusia duas pedras collossaes, cuja gravidade especifica faziam uma grande parte de sua carga, e que por tal circumstancia não podia deixar de querenar *carregado*, em quanto não chegasse ao seu destino, não achando *Dockas-secas*, *planos-inclinados etc.*, em que o podesse faser, sem risco grande de se perder navio e carga, sahio não obstante o risco de se ir a pique, providenciando a salvação da tripulação com lhe ter metido mais bombas, e mais gente para as poder tocar, levando uma grande lancha, equipada de todo o preciso, para a salvação da tripulação, no caso que durante a viagem fosse a pique! Outro navio estrangeiro, entrando arribado para querenar, não encontrando onde *carregado* podesse querenar, tentou ir abicar em terra, para vêr se descubria a agua, retirando sem fabricar do lugar aonde abicou; porque principiou a abrir pelos trincanises, motivo pelo qual sahiu em demanda d'outro porto.

O mesmo tem acontecido aos nossos vapôres de guerra e mercantes, principalmente os de maior lote, sahindo a fazer suas querenas em portos estrangeiros; deixando lá uns e outros a importancia de seus fabricos, que o nosso paiz podia aproveitar, a bem dos braços portuguezes, e do credito nacional, pois que desgraçadamente temos visto, por varias vezes, irem os nossos vapôres encalhar nas praias para fabricarem; vindo-lhes de taes encalhes a ruina de seus cascos, e machinas como aconteceu aos vapôres de guerra Jorge IV, e Terceira, que nunca mais ficaram como eram, e por isso pouco serviço tem feito apesar da grande despesa que se fez; porque a *irregularidade d'uma praia não é a regularidade d'um Estaleiro Docka, ou Plano-Inclinado*, sobre cujos artefactos se sustentam os navios em perfeito equilibrio, e em posição alta e vertical na qual, opportunamente são escorados, e calçados os seus fundos.

Os vapôres portuguezes *Porto* e *Vesuvio*, por tres vezes teem ido querenar a paiz estrangeiro.

No dia 16 de novembro do anno de 1846, veio abicar em terra, com a extremidade da popa, junto ao fim das carreiras do arsenal da marinha, um dos vapôres de guerra da esquadra ingleza, que fazia parte da força da esquadra do almirante Parker; indo buscar o dito lugar para tomar a agua que fazia, o que

pela necessidade, e por se não demorar em tão perigoso logar, tomou tão mal a agua, que teve de ir a Inglaterra.

A vista d'estes, e de outros factos, se reconhece, que se o *Estaleiro-Docka* estivesse já construido, nos ficariam cá interesses, que a falta de taes artefactos nos faz perder, e pouparia o descredito, que nos provém de similhante incuria.

Manoel Luiz dos Santos.

ANTIDOTO PARA OS ENVENENAMENTOS DE ARSENICO.

ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE PARIS.

Sessões de novembro.

98 Quando Mr. Bussy, um dos melhores chimicos francezes, se appresentou, como candidato ao logar de socio livre na Academia das sciencias de Paris, offereceu á dita associação uma memoria laboriosamente trabalhada, na qual mostrava haver descoberto antidoto contra o envenenamento do arsenico, que até hoje era considerado como sem remedio.

Mostra o sabio chimico que a magnesia calcinada, e despojada do seu acido carbonico, absorve immediatamente o arsenico, formando com este um composto, insoluvel até na agua a ferver, modificando-lhe as suas propriedades de modo tal que o veneno se póde demorar no estomago, sem que haja perigo, e passar sem custo pelas vias digestivas. Ajunctando a isto ser a magnesia calcinada um alcali mui suave, e não operar sobre os orgãos nenhuma acção irritante, o que permitte poder-se ministrar em fortes dóses.

Todas estas considerações são habilmente desinvolvidas na memoria, e confirmadas por varias experiencias feitas em animaes.

Os factos já vieram confirmar a efficacia deste remedio. Um chimico, professor no collegio de Gisors, M. Lepage, teve occasião de fazer delle uma applicação que foi coroada com bom exito. * *

PARTE LITTERARIA.

RELATORIO DA TERCEIRA SECÇÃO DO CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO,

Lido em sessão publica do mesmo conselho no dia 25 de novembro de 1847, pelo oppositor da faculdade de philosophia Manoel dos Santos Pereira Jardim, para este fim nomeado no dia 22 do mesmo mez.

A Redacção agradece a obsequiosa remessa d'este documento, bem como as expressões lisongeiras, e não merecidas, que por essa occasião lhe dirigiram: julga do seu dever manifestar a magoa, que sente ao vêr, que as tristes circumstancias do nosso malfadado paiz deem aso a que um trabalho d'esta ordem apenas possa ser elaborado em dois dias, sem, nem sequer, o indispensavel auxilio dos dados estatisticos, que só se podem colher no remanço da paz.

Somos obrigados, por motivos mui particulares, e pelo conhecimento pessoal que temos da benemerita Academia Polytechnica do Porto, a observar, em relação á parte do Relatorio, que se lhe refere, que entre outras provas, bastava o modo como este anno abriu os seus cursos, com um discurso applaudido por toda a imprensa, para se attribuir a falta notada a motivos mui ponderosos.

Estamos intimamente convencidos, que da parte do illustre oppositor, não houve nem a mais leve idéa de censurar tam conspicua corporação; mas esperamos que nos não levem a mal esta explicação que a justiça exigia.

Senhores.

99 Em observancia do artigo 39 do regulamento do conselho superior de instrucção publica, tenho a honra de appresentar á vossa sabedoria o relatorio da instrucção a cargo da terceira secção d'este conselho.

É a primeira vez, Senhores, que faço um trabalho d'esta ordem; deve de ser imperfeito e mal alinhado, que se outras rasões não houvesse, sobravam a falta de dados estatisticos sobre a instrucção, e o curtissimo espaço de tempo que me foi dado para o organisar. — Em dois dias mal podia colher os materiaes necessarios para construir obra, que, em nações civilisadas como a nossa, se encarregam aos Cousins, Montalivets, e outros homens da mesma esphera intellectual.

A obediencia, Senhores, é uma virtude, e quem a não possue mal póde pertencer a uma corporação scientifica. — Acceitando a missão de que os vogaes ordinarios da terceira secção d'este conselho me encarregaram, só tive em vista dar provas d'esta virtude, e por isso espero me concedereis a vossa benevolencia, e me levareis em conta os sinceros e ardentes desejos que me animam de concorrer, quanto possa, para o progresso dos estudos e credito d'este conselho.

A instrucção a cargo da terceira secção do conselho superior comprehende a Universidade, a Eschola Polytechnica do Porto, e as Escholas Medico-Cirurgicas. — Para organisar o relatorio da instrucção n'estes estabelecimentos, seria mister possuir o de cada um em particular. — Infelizmente faltaram-me estes dados, por os não haver no conselho, o qual somente conserva uma curtissima exposição das crises porque passou a Eschola Medico Cirurgica do Porto, durante a ultima guerra civil.

A instrucção publica, entre nós, está a cargo, exclusivamente do Estado. — Não é assim em algumas nações da Europa, como a Inglaterra e a Belgica, em que associações, debaixo da protecção das leis do Estado, offerecem a instrucção a todos que a querem pagar. — Citam-se como exemplo as Universidades de Londres, e Bruxellas, e outras na Allemanha em que, se não é exclusivamente paga pelos ouvintes, concorre para ella o Estado, com um pequeno subsidio. — Assim succede no ducado de Saxe-Weimar á Universidade de Jéna. Estas andam sempre na guarda avançada da illustração, porque a não andarem, morre-

riam, pela falta de concurso, na presança de outras sustentadas pelo Estado.

A nossa, bem como outras na mesma Inglaterra e Belgica, a de França etc., que são fundações de Monarchas, e corporações ecclesiasticas, ressentem-se sempre das oscillações politicas, e da falta de recursos dos Governos e de seus fundadores. — Nós acabamos de sentir esta verdade.

A Universidade compõe-se de cinco faculdades, duas de sciencias positivas, e tres de sciencias naturaes, e são, pela ordem em que foram creadas, Theologia, Direito, Medicina, Mathematica, e Philosophia.

THEOLOGIA.

A Theologia reformada pelo marquez de Pombal, em épocha de mais fé que a nossa, não ficou estacionaria, e appresentou-se como commensal á mesa da civilisação

É certo que as verdades as mais claras admittem discussão, e se é necessario revelar Deus ao ignorante, é preciso demonstral-o ao orgulhoso e ao impio.

Atacada successivamente pela philosophia, pelas letras, pelas sciencias positivas, tem mostrado aos philosophos uma sabedoria superior a todas as suas invenções: aos letrados escriptos mais convincentes, mais inexgotaveis, oradores mais devotos e mais eloquentes: aos sabios certezas mais antigas, e tam claras como os seus axiomas, e mais bem estabelecidos.

Por ultimo opposeram á Theologia a sciencia da natureza; mas, tanto mais o philosopho escavava no seio da terra, tanto mais soudava a noite dos seculos extinctos, e procurava ás gerações que passaram, as revoluções de que foram testemunhas, tanto mais convincentes eram as provas, de que as palavras da Escriptura estavam em harmonia com a natureza; tanto na creação da terra como dos animaes que a povoam. — Foi necessario percorrer este caminho novo, e destruir a ultima barreira, convidando a sciencia a dizer, que não ha provas contra a existencia de Deus nas obras do mesmo Deus; e hoje abraçadas disputam com a dialectica do sophista, com o escarneo do ignorante, e com o especioso argumento do atheu.

É neste alto ponto que a theologia se ensina na Universidade, e aqui se formam os sabios theologos, que teem enchido de exemplos edificantes as dioceses do reino, e outrora as da America, e os sabios mestres que a teem adornado em todos os tempos.

O numero dos estudantes que frequentam esta faculdade não prova, nem a sua elevação, nem mostraria tam pouco a sua decadencia, se porventura a houvesse; isso é devido a outras causas, que me não cumpre referir.

DIREITO.

O estudo da sciencia do Direito tem sempre merecido a attenção dos nossos legisladores. — A reforma de 1836 deu ao curso de Direito o desenvolvimento que o titulo requeria, pondo esta faculdade apar das mais celebres da Europa. — O decreto de 20 de setembro de 1844 accrescentou á reforma de 1836, uma cadeira comprehendendo a continuação e o conhecimento mais profundo do direito canonico particular, e bem assim o direito ecclesiastico portuguez; coisa que ha muito se desejava pelo subsidio que esse direito presta ao direito civil portuguez; e porque era muito conveniente instruir em materias ecclesiasticas os parochos e os bispos.

Esta faculdade tem mais do que a da mesma ordem em Paris, duas cadeiras: a saber, a de direito ecclesiastico, e a de economia politica.

Se o extraordinario numero de estudantes, que frequentam a faculdade de Direito na Universidade em comparação dos que frequentam as outras, não prova o adiantamento da sciencia do Direito entre nós, servem de plenos documentos os compendios de seus eximios professores, e são:

Elementos de Direito das gentes, Curso de Direito Natural, Elementos de Direito Natural, do Sr. Ferrer.

Ensaios de Economia Politica, Elementos de Economia Politica e Estadistica, do Sr. Forjaz.

Manual dos juizes eleitos e seus escrivães, do Sr. Freitas.

Elementos do Processo Criminal, do Sr. Nasareth.

Curso de Direito Civil, do Sr. Luiz Teixeira.

Ensaio sobre a historia da Legislação de Portugal, e Direito Civil Portuguez (no prelo), do Sr. Coelho da Rocha.

Obras mui proveitosas á sciencia que teem enchido de gloria seus auctores.

MEDICINA.

Outr'ora a Medicina teve a sorte das outras sciencias, e com ellas passou vida obscura e indigente no cahos em que a lançou a philosophia Arabigo Aristotelica. — Sómente depois da reforma em 1772 tomou o logar que lhe pertencia pelos grandes serviços que presta á humanidade.

O Conselho da faculdade de Medicina tem procurado, e por ventura conseguido, caminhar na frente com os sabios professores da França e Inglaterra.

Em França a faculdade de Medicina tem tido um desenvolvimento espantoso. Tambem com ella os governos teem os maiores desvellos: assim devia de ser no seio da civilisação. — Compõe-se de vinte e seis professores e desenove cadeiras — A nossa está bem longe deste desenvolvimento: comtudo em theoria nenhuma a excede, que as fontes por onde todos se nutrem são as mesmas; mas não é assim na pratica, na qual vamos muito alcançados.

As primeiras linhas de Phisiologia, producção de um de seus illustres professores teem merecido geral estima, sendo muito para lamentar que o pequeno numero de estudantes, que frequentam esta faculdade não seja sufficiente para dar extracção a outras obras, que seus muito habeis mestres teem desejado dar á luz.

MATHEMATICA.

A faculdade de Mathematica tem sido, como as outras, exemplar no adiantamento da sciencia a seu cargo. Alli continuou desde 1804 a publicação das Ephemerides, unico monumento intellectual que dá a conhecer á Europa a Universidade de Coimbra, como em outros tempos o foi pelas obras de Botanica do Sr. Brotero. — Delambre fallando das nossas Ephemerides

não duvidou expressar-se da maneira seguinte: «Te-
« nho a honra de offerecer ao Instituto de França em
« nome do Sr. Monteiro da Rocha as Ephemerides do
« Real Observatorio da Universidade de Coimbra. —
« Eu não me atreveria a entreter a classe com uma obra
« deste genero, se a Ephemeride da Universidade de
« Coimbra não fosse uma obra inteiramente distincta
« de todas quantas apparecem com este titulo, e a
« mais rica em mudanças uteis, e em Memorias ácer-
« ca dos pontos mais delicados em Astronomia.» — Seus professores estão acima de todo o elogio, e apesar das difficuldades de consumo que offerecem as publicações desta sciencia entre nós, temos os principios de geologia do Sr. Agostinho Jose Pinto d'Almeida. O additamento ás notas do Calculo differencial e integral de Francœur, e Explicação Theorica e confecção das Ephemerides pelo Sr. Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, e brevemente esperâmos vêr a Mechanica do Sr. Castro, e algumas publicações do Sr. Jacome.

PHILOSOPHIA.

A philosophia é a chave da abobada sobre a qual assenta todo o edificio dos conhecimentos humanos. Sem ella a sciencia de Deus ter-se-hia refugiado em algum canto da terra, como outr'ora na invasão dos barbaros, as sciencias se salvaram nos claustros.

A philosophia do coração humano constitue o direito positivo natural, e este é a baze do direito positivo como o sustentou a eschola philosophica de Hegel contra a historia de Savygny e Hugo. — Que seria a historia sem a philosophia?... aquillo que já foi, um montão de factos sem interesse.

A philosophia ensinou a procurar aos acontecimentos causas proximas ou remotas, e a conhecer as consequencias que estes tiveram ou de futuro podem ter: isto é, tornando-a proveitosa, chamou-a ao gremio da civilisação.

O medico carece principalmente de physica, da chimica, da botanica, e historia natural dos animaes. O mathematico das experiencias, ou como baze de seus calculos, ou como prova delles.

Na sociedade dá productos ao artista, ao fabricante; ensina o agronomo, prepara os elementos que servem de recreio ao sabio, de espanto e confusão ao ignorante. — Edifica a choupana, embellesa o palacio, enriquece as cidades e as nações.

A revolução franceza pediu á philosophia o nitro, que lhe não vinha do estrangeiro: o assucar que lhe não davam as colonias revoltadas, o ferro para os seus fusis, e o meio de supprir a falta de cereaes. A estas exigencias respondeu a philosophia com grandeza, dando lhe o nitro em abundancia, o assucar da betarraba, o ferro do solo nacional, a batata e os prados artificiaes. Tambem foi nesta época que a philosophia teve o maior desenvolvimento devido principalmente a dous homens, um dos quaes, o infeliz Lavoisier, depois de ter sido condemnado á morte continuava ainda suas experiencias em face do cadafalso, ao qual não tardou em subir: em quanto o outro, o conde de Chaptal, era chamado á administração publica.

A faculdade de philosophia da nossa Universidade, bem conhecedora da importancia da sciencia a seu cargo, e da alta missão a que é chamada, procura corresponder por todos os meios á esperança que sobre ella tem a nação, e ás outras sciencias a que serve de base. — Para este fim escolheu as melhores theorias: fez regulamentos para as viagens scientificas no reino e fóra delle: dirigiu *consultas* á sua magestade a fim de melhorar a condição de seus alumnos: mas infelizmente estes trabalhos jazem nas secretarias.

O numero de estudantes que frequentam ésta faculdade, é demasiadamente diminuto para que um professor de qualquer cadeira se anime a fazer alguma publicação. Está demonstrado, que para um professor se indemnisar, pela venda de um compendio (por exemplo de botanica) das despezas que com elle faz, precisa 25 annos com os cursos d'estudantes que ordinariamente frequentam este ramo da sciencia.

As numerosas estampas, de que qualquer livro de philosophia carece, elevam muito a despeza da impressão. Estes motivos e o pouco conhecimento da nossa lingua nos paizes, onde mais se cultivam as sciencias naturaes, e muitas outras causas que seria longo enumerar aqui, obstam ao desenvolvimento das muitas capacidades intellectuaes, que encerra aquella faculdade. Todavia nesta bem como nas demais da Universidade o methodo de ensino e regularidade dos estudos é igual a algumas, e superior a muitas das mais celebres Universidades da Europa.

ESCHOLA POLYTECHNICA DO PORTO.

A academia polytechnica do Porto tem merecido a consideração publica por ser a primeira, que curou de popularisar a sciencia, e, por suas applicações ás artes, torna-la proveitosa. Os seus estatutos que o conselho possue, são prova cabal de que aquella eschola vae a par dos estabelecimentos scientificos mais bem organisados. É muito para sentir que não tenha enviado como lhe cumpria fazer, a estatistica do adiantamento scientifico, do pessoal dos seus professores, e dos alumnos que a frequentam. Todavia sabemos que tem luctado contra difficuldades, que de toda a parte se lhe tem levantado, já na lei de sua fundação, já na execução dessa mesma na parte que lhe era proveitoso.

Honra lhe seja.

ESCHOLAS MEDICO-CYRURGICAS DO PORTO E LISBOA.

As escholas-medico-cyrurgicas estão bem dotadas de habeis professores. Alguns são muito conhecidos pelas suas importantes publicações.

Alli se encontram dignos filhos da Universidade de Coimbra e de Paris. É muito provavel que o methodo do ensino, e o aproveitamento dos estudantes correspondam a tão dignos mestres.

(Seguiu-se o extracto das actas da terceira secção do conselho, e foi o discurso terminado da maneira seguinte:)

Imploremos do céu dias de paz, para nelles mostrarmos que os louros academicos, que havemos alcançado, não murcharam sobre as nossas cabeças; que sabemos sustentar a gloria litteraria de nossos maiores como bons portuguezes de que todos nos honramos de ser.

PEDRO SEM.

D.

A MEUS FILHOS.

Deposuit potentes de sede, et
exaltavit húmiles.

MAG.

100 Quereis ouvil-o, singello,
O fallar do coração?
Abri o livro do povo,
O livro da tradicção.

Que de sublimes preceitos!
Que traslados — que moral...
Por moral — quero contar-vos,
(Não m'o levareis a mal).

Quero contar-vos um conto,
(Que não perde por antigo),
D'um soberbo, mui soberbo,
É do seu grande castigo.

— Houve n'outro tempo um homem
Podre de rico — um Judeu:
— Em virtude era elle pobre;
Não tinha nada de seu.

Tinha palacios e quintas,
Muitos navios no mar,
Em fim, tudo que deseja,
O que muito desejar.

Cuidaes, talvez, que vivia
Contente, sem ambição?
Qual! — Quem mais tem mais deseja
Bem diz o velho rifão.

Como dizia: — era máo,
Destes que ingratos não tem,
Porque, nunca uma só vez
Fizeram bem a ninguem.

Contam, que um dia, na rua,
Porque misero pedinte
De leve, por seus vestidos
Roçára, não por acinte,

Mas porque o triste mendigo,
Proximo delle caíra,
Quebrada a força do peito,
Do peito, que mal respira:

Que logo, o Judeu levára
De seu doirado bastão;
O pobresinho ferindo,
Cruelmente e sem razão.

Coitado! ficou por morto;
O rico foi seu caminho,
Os que viram, maldisseram;
¿Mas como? De vagarinho!

Apenas um por ousado,
Disse em voz alta: Judeu!
Tornou Pedro, e mil desculpas
De cada um recebeu!

Houve até — que villania!
Quem fosse erguer o bastão,
E limpo lho entregasse,
Que lhe caíra no chão!!

Era um dó, ve-lo por terra,
Banhado em sangue — o mendigo.
¿E o Judeu, só por ser rico
Hade ficar sem castigo?!

Não hade não: Deus é justo:
Agora mesmo o vereis.
Não se illudem, nem postergam
As suas divinas leis.

Foi o caso: — estava Pedro
Subido em alto mirante,
E de olhar começava,
Para o mar, pouco distante;

Quando enxerga, muito ao longe,
Lá por perto do horisonte,
Tamanha copia de velas,
Que, não ha vista que as conte.

Espera que venham vindo,
Por melhor as conhecer;
E assim fôra conhecel-as,
Como d'orgulho se encher.

Era seu comboi da India,
O que elle via no mar;
E as riquezas que trazia,
Muito para admirar.

Os barcos vinham seguidos,
Que era o vento de feição.
O mar estava de leite,
Formoso o ceo, sem senão.

E já os navios chegavam
A porto de salvamento,
Quando o soberbo soltára
Estas palavras ao vento...

Ao vento não: porque Deus,
Que as ouvira, castigou-as.
— *Agora, Deus que é Deus,*
Que manda nas coisas boas,

Nas más, e em todas do mundo
Não podera, que quizesse,
Mandar, na minha riqueza;
Tornal-a já em pobreza!

Inda mal não acabára
Uma tão grande heresia,
Olha para os seus navios...
Onde estão? — Ninguem os via!

O céu azul era negro:
Bramia o mar espantoso;
Tufões de vento sopravam;
— Era um quadro pavoroso!

Maior lucta nunca viram,
Os olhos que muito vissem:
— Misericordia! clamáram;
Que da terra lh'acudissem,

Os marinheiros: — coitados!
Todos elles se salvaram.
¿E que culpa tinham elles?
Os navios naufragaram.

Affundiram-se as riquezas,
Fez um rijo pé de vento,
Deu em Pedro, e derribou-o
De seu poderoso assento.

— Os homens não te vingaram
Mendigo — vingou-te Deus.
E o soberbo já dizia:
— Isto são peccados meus.

E foram — que por castigo,
Ficou pobre como Job,
E andava, de porta em porta
Pedindo... — fazia dó!

Desprezos, que a muitos dava,
Insultos, com que offendia;
Os males, que então fizera,
Esses hoje recebia.

Hoje bate, de mansinho,
Á porta, que abria outr'ora.
Caza, onde mandava e ria,
Nessa pede — e talvez chora!

Da que altivo engeitára
Senhoril, formosa mão;
Hoje, supplice recebe,
¡Por esmolla! — um meio pão!

Hoje, a muitos, que soberbo,
Pouco via, e não saudava;
Vê, saúda, e falla, e pede
Esmolla, que nunca dava!

Hoje, passa fome e frio,
Horas, que são agonia;
Hoje, sabe o que é ser pobre,
Quem ser rico ¡não sabia!

Pompa vã, d'impia soberba,
Vel-a por terra abatida!
Eis meus filhos, o que valem
As soberbas desta vida.

— Davam-lhe muitas esmollas;
E Pedro, quando pedia,
Esquecer, nunca deixava,
Que tivera n'algum dia.

E, ou que inda fosse soberba,
Ou fossem saudades só;
Ou que, lembrasse o que fôra,
P'ra terem delle mais dó;

(Que, na verdade, ter tido,
É peor que nunca ter);
É certo, que não pedia,
Senão, por este dizer.

— Quem dá esmolla a Pedro Sem
Que já teve, e hoje não tem.

Lisboa, dezembro de 1847.

J. da C. Cascaes

NOTA.

Escrevi Pedro *Sem*, porque me lembro de assim o ter visto, não sei em qual das comedias, ou farças do nosso Gil Vicente. Todavia, talvez fôra melhor ter escripto Pedro *Cem*; se reflectirmos, que um tal appellido poderá ser abbreviatura de *Ocem*, nome muito fallado em nossas chronicas. Seja como fôr, é uma tradicção velha; singella, porque é para todos, e moral, para que a todos aproveite.

Quanto á origem do conto, não sei se diga — que sendo algum desses *Ocems*, que houve em Portugal, homem máo e soberbo, o povo quizera conservar-lhe a memoria, anathematisando a; e assim combinar a moral, com a vindicta publica — «não ha credulidade mithologica (diz o incomparavel auctor de Adozinda), que não tenha por base o instincto da moral e da justiça, commum a todos os povos.»

Os dois ultimos versos, com que remato, são fielmente, os que andam na bocca do povo; que tambem com elles acaba a historia.

TUMULO DE D. VETAÇA.

No centro bem do Templo, e levantado
Mais que os outros, um tumulo se osteula;
De mais soberbos simbolos ornado,
Aos enlevados lusos se apresenta:
De alabastro finissimo lavrado
Feminil busto a magestade augmenta,
E diz que illustre cinza alli se encerra,
(Se é nobreza o que é cinza!), e escura terra.

O Oriente — *Poema de J. A. de Macedo*
— Canto V. Est. 43.

101 No cruzeiro da gothica e magestosa Cathedral de Coimbra, hoje parochia de S. Christovão, ao lado do Evangelho, mettido n'uma capellinha, a modo de altar, ao pé do tumulo do Bispo D. Tiburcio, fica o de D. Vetaça.

Representa um quadrilongo de marmore; na face anterior viam-se n'outro tempo, (hoje apenas vestigios), uns escudos redondos, cada um com uma aguia negra de duas cabeças (1), com este lettreiro em campo de ouro:

«*Aqui jaz Dona Bataça, neta do Imperador da Grecia:*» (2)

na superior observa-se a estatua da preclarissima princeza, de grandeza descommunal, vestida de habitos religiosos, a cabeça sobre uma almofada, sustentada por dous anjos, as mãos postas, e os pés contra um leão.

(1) As duas cabeças alludem á divisão do imperio em Oriental e Occidental. *Villas-Boas* Nobiliarchia Portugueza, cap. 22.

(2) *Antonio Coelho Gasco* — Antiguidade de Coimbra, cap. 26, pag. 144.

Em vão olhos curiosos pertenderão encontrar n'este funebre monumento primores do cinzel; se os houve, anniquilou-os a mão do tempo, ou a do homem, ás vezes mais devastadora do que elle (3); porém a breve narração dos illustres feitos da piedosa infanta por ventura excitará o interesse, que não inspiram as lages amarelladas, os brasões carcomidos, e o vulto gigantesco.

Foi esta senhora filha de *Guilhelmo*, conde de *Vintemilhas*, e da *mui nobre Donna Lascara* (4), infanta da Grecia.

Veiu por casos adversos de Italia a Aragão em tempo d'el-rei D. Pedro III, pai de Santa Isabel, e d'alli a Portugal como dama d'esta rainha, que a fez aia de seu filho, D. Affonso, depois rei, 4.º do nome.

Acompanhou a Castella a rainha D. Constança, filha d'el-rei D. Diniz, como sua camareira mór, quando celebrou as bodas em Alcanis com D. Fernando IV, rei de Castella, que lhe deu a villa de Pedrassa.

Foi tutora dos infantes D Pedro, e D João, por a mandar a rainha D. Constança; e foi tambem em embaixada a D. Jaime, rei de Aragão, com o conde de Barcellos.

Diz *Resende* (5), que D. Vetaça preparára, á sua custa, uma poderosa armada, com que fôra tomar uma fortalecida villa, junto de Sines, em dia de S. Thiago; deixando morto o seu rei *Cassé*, e que daqui se ficára chamando aquella terra *S. Thiago de Cassem*.

Não é verdadeiro o facto. Sendo começada a conquista de Algarve, por elrei D. Sancho I, em 1189, (6) com a empreza de Sines, de que esteve de posse até 1191, e instaurada por elrei D. Sancho II, (7) veiu por ultimo a concluil-a el-rei D. Affonso III, perecen do então de todo o dominio dos Mouros em Portugal. (8)

Por conseguinte já não tinha D. Vetaça taes inimigos a combater.

Casou em 1285 com um fidalgo nobilissimo, D. *Martim Annes*, de quem não teve successão.

Morreu cheia de boas obras a 21 de abril de 1336, deixando muita fazenda, e grossas rendas ao Cabido de Coimbra. *F. A. Rodrigues de Gusmão.*

NOTICIAS.

ACTOS OFFICIAES.

DE 30 DE DEZEMBRO DE 1847 A 4 DE JANEIRO DE 1848.

102 O *Diario* de 30 publicou uma circular com o fim de removor differentes duvidas sobre as instrucções, que regularam a execução do ultimo Decreto, relativo á circulação das notas do Banco de Lisboa.

(3) Les Arts en Portugal par le comte Raczynski, pag. 468.

(4) É este o nome com que D. Vetaça designa sua mãe em testamento, documento curioso, cujo original tivemos occasião de vêr no cartorio do Cabido da Cathedral de Coimbra; sendo para notar que *Brito*, na Monarchia Lusitana, e o Padre *Francisco de Sancta Maria*, no seu Anno Historico, tomo 1.º, lhe deu o nome de *Irene* (filha de Theodoro Lascaro, o menor, imperador de Constantinopla), e *Gasco*, nas Antiguidades de Coimbra, o de *Bataça*. — *Vetaça* é tambem o nome que se lê no testamento.

(5) *De Antiquit. Lus.* L. 4.

(6) Historia de Portugal pelo Sr. *A. Herculano*, tomo 2.º, livro 3.º

(7) Idem, livro 3.º

(8) Epitome Lusitanæ Historiæ studio et opere Hieronymi Suaresii Barbosæ, pag. 231.

PRAÇA DE LONDRES.

103 Temos á vista noticias importantes com a data de 18 do mez passado. As relações commerciaes vão tornando ao seu andamento regular. A influencia da Praça de Londres em todos os *mercados* do mundo é tal que os effeitos do desvanecimento da crise conhecem-se perfeitamente.

O Banco de Inglaterra, transformado pela lei de Sir Roberto Peel, no regulador da circulação da Grã-Bretanha, appresenta muita melhoria no seu estado, o qual em 11 de dezembro era o seguinte:

	£
Notas em circulação	19.182,176
Depositos	16.667,135
	35.849,311

	£
Hypothecas	28.024,525
Metaes	11.426,176
	39.450,701

Comparando a conta appresentada pelo Banco no referido dia 11, com a da semana anterior, vê-se que a circulação diminuiu £ 486,606, que os depositos augmentaram £ 434,145, que as hypothecas diminuiram 437,478, augmentando os metaes £ 393,577.

Os consolidados já chegaram a 86 ⅞. Tinham-se realisado algumas compras de fundos portuguezes mormente de 4 por cento, sendo estas realisadas a mais de 22. Os fundos hespanhoes de 3 por cento estavam a 28, e os mexicanos de 5 por cento estavam a 17. Os fundos francezes, segundo as noticias a que nos estamos referindo, sustentaram na Praça de Londres os mesmos preços com que as cotavam em Paris, sendo a differença mui pequena. — Os fundos belgas não tinham descido apesar da noticia de que esse reino vai negociar um emprestimo de 75 milhões de francos para obras publicas, para cobrir o deficit do seu orçamento.

A taxa do desconto desceu até 5 ¼ por cento.

As letras sobre a Belgica, Vienna d'Austria, e Portugal eram muito procuradas.

NAVIO PERDIDO.

104 No dia 8 de novembro ao Oeste dos Açôres, perdeu se a *Escuna Portuense*.

Tinha sahido do Porto para Cabo-Verde. Foi a pique entre a Ilha do Sol e de Sancto Antão.

O Brigue americano Salen, salvou a tripulação e trouxe-a a Cadiz.

PRAÇA DE LISBOA.

5 DE JANEIRO.

105 Os fundos publicos tem sido procurados. Não apparecem vendedores. Os de 5 por 100 com o juro por pagar chegaram a 56, os de 4 a 44. As acções do Banco de Portugal procuraram se por 395$000 rs. As acções das Lezirias sustentam o preço de 360$000 rs. Acções sobre o fundo de amortisação mais de 36 por 100. Titulos das 3 operações 35 por 100; azues 7 a 8 por 100. Todos estes preços são contra notas do Banco de Lisboa. Os bilhetes admissiveis nas alfandegas, 99 a 100 nas duas especies.

O governo durante a presente semana recebe e paga tomando cada nota de 4800 por 2900, sendo 2804 o preço medio do mercado, e 96 réis de augmento de 2 por 100 em favor do devedor.

Na praça o desconto foi de 41 a 42. Constava na Praça que o desconto das notas no Porto tem regulado de 34 a 38 por 100.

AMORTISAÇÃO DAS NOTAS DO BANCO DE LISBOA DURANTE O ANNO DE 1847.

106 Á vista dos termos de queima publicados na folha official, organisámos este trabalho, que além das comprovações devidas tem como garantia o ser extrahido de documentos authenticos.

MEZES A QUE SE REFEREM AS AMORTISAÇÕES.	QUANTAS NOTAS.					RÉIS.
	96$000	48$000	19$200	4$800	1$200	
Janeiro e fevereiro........	—	672	135	240	—	36:000$000
Março.................	—	90	658	218	—	18:000$000
Abril e maio............	—	1.072	4,022	342	—	130:320$000
Junho..................	—	1,042	—	—	—	50:016$000
Julho, agosto e setembro..	91	1.512	416	12.366	—	150:096$000
Outub., novemb. e dezemb.	113	1.903	1.335	4.635	25	150:102$000
	204	6.321	6.566	17 801	25	534:534$000

BANCO DE PORTUGAL.

Em 31 de dezembro de 1847.

107 Notas do Banco de Portugal em circulação . . . . 57.490$900
Depositos — moeda metalica em caixa. 178.000$000
Numerario metalico em caixa . . . 328.796$317
Prata além do dito numerario . . . 13.355$200

Lisboa 3 de janeiro de 1848. — Os directores, *Augusto Xavier da Silva — José Antonio Ferreira Vianna Junior.*

THEATRO DE S. CARLOS.

O SEGREDO DE MR. E MADAME CHEVALIER.

108 Em o nosso numero anterior, annunciamos que na noite de 30 do mez findo havia bruxaria em S. Carlos.

E de facto assim foi.

O segredo de Mr. Chevalier, como todos os meios empregados por muitos outros engenhosos talentos para maravilhar a intelligencia, é como um commentario á historia do passado.

É para admirar como todos os estudos se popularisam na épocha em que vivemos.

Sobre as taboas de um tablado, na variegada barraca de uma feira, a vara do magico moderno, vista pela critica rigorosa, é como a penna do mais insigne historiador. Se a philosophia da historia explica a formação e a decadencia dos imperios, o homem, que muitos denominam charlatão, ao interter as turbas está desvanecendo os erros, que obscurecem o espirito dos povos.

O que são os agoiros de Sybilas da antiguidade? O que significam as feiticeiras da mythologia do norte quando entre outros factos, que vão por esse mundo, se observa o que todos vimos no theatro de S. Carlos, nas duas representações de Mr. Chevalier?

Uma mulher sentada em uma cadeira, collocada no centro do tablado e com os olhos perfeitamente vendados, respondendo a todas as perguntas, que do fim da plateia lhe derige seu marido ácerca de quaes quer objectos, que lhe entreguem.

É maravilhoso, mas foi presenciado por immensas pessoas. A concorrencia na segunda noite era numerosa.

Os trabalhos de Mr. e Madame Chevalier revelam muita intelligencia e muito estudo. Ha nellas uma invenção, que a continuada pratica mal deixa perceber e que a perfeição da execução torna admiravel.

Não discutiremos a propriedade com que este espectaculo se apresentou em S. Carlos. Agradou, e não podia deixar de ser assim, porque o merecimento é sempre applaudido.

A experiencia, a que o Sr. Chevalier dá o nome de *dupla vista anti-magnetica*, prolongou-se por algum tempo, e em relação a differentes objectos.

Do modo que dissemos, Mr. Chevalier recebia das mãos dos espectadores relogios, dinheiro, charuteiras, anneis, bolsas, alfinetes de peito, etc., e começava a perguntar a sua mulher o que lhe haviam entregado, e depois todas as particularidades relativas ao objecto, que de prompto era adivinhado por Madame Chevalier. Ella respondia satisfactoriamente ás mais minuciosas perguntas. A qualidade de um relogio, a materia de seu mostrador, e dos ponteiros, a hora e os minutos que indicava, o nome do auctor, o numero da fabrica, os desenhos da caixa, as pedras em que trabalha, tudo era indicado com uma rapidez espantosa.

Mas suspendamos a discripção d'este espectaculo admiravel, e que ainda se repetirá mais vezes para fallar do segredo que o promove.

Na segunda representação, Mr. Chevalier desvaneceu todo o charlatanismo, que denunciava o seu primeiro annuncio.

A demonstração, que fez de que não era ventriloquo, foi cabal. Quanto ao magnetismo, não somos dos crentes nos prodigiosos effeitos que se attribuem a uma causa physica reconhecida por todos.

Entre os differentes jornaes francezes, que elogiam Mr. Chevalier, houve apesar disso, um, o jornal de

Montpellier que fez consistir, o segredo no magnetismo.

Mr. Chevalier explica bem o motivo porque denominou as suas experiencias anti-magneticas.—Não combate o magnetismo como principio scientifico, mas nega os seus effeitos por meio de provas incontestaveis.

Mr. Chevalier podia terminar a sua representação, dizendo: —«O sonambulo do magnetismo vê tanto como Madame Chevalier, que, com os olhos vendados, só combinando no seu pensamento os signaes particulares da minha linguagem, observa desenhado no grupo de idéas que fórma na mente qualquer objecto, que tenho na mão.»

E não pensem que isto tiraria o merito ás representações de Mr. Chevalier. Ainda assim seriam um verdadeiro triumpho.

Não é nossa intenção fallando do que, chamamos segredo de Mr. Chevalier, ter a presumpção de minuciosamente o revelar. Indicâmos, e a nossa indicação honra o inventor, ou executor do systema que nada perde por se conhecer em geral.

Parece provado que a experiencia de Mr. Chevalier, são a pratica ou modificação de um methodo praticado ha tempo pelos charlatães magnetisadores, juntamente com certos principios similhantes aos da mnemotechnica.

O *Correio de Marselha* noticiou um espectaculo similhante que houve nessa cidade e em Tolosa, executado por um certo Herman de Hanover, inferior, pelo que lêmos, a Mr. Chevalier. Um magnetisador chamado Lassaigne, para fazer fortuna, declarou-se antimagnetico, e deixou-se de imitar o tam fallado charlatanismo do Dr. Laurent com a sonambula Mademoiselle Prudencia.

O *Independente dos Pyrineos Orientaes* estabelece bem a similhança que existe entre o espectaculo de Mr. Chevallier, e a mnomotechnica praticada pelo celebre Aimé Paris e pelos Srs. Castilhos.

Se Mr. Chevalier nos appresentar os seus gabados jogos physicos, e entre elles o que já executou em França com feliz exito fasendo sahir ovos de galinha de dentro de um coelho vivo, talvez nos dê margem para lhe dedicarmos mais algumas linhas.

No entanto, por ahi vão em algumas sociedades familiares ensaiando-se bastantes bruxas e feiticeiras no genero de Mr. Chevalier e de sua mulher.

ADVERTENCIA Á EMPREZA DO DIARIO DO GOVERNO.

109 A nova Redacção da Revista não deixou passar, sem o protesto devido, a liberdade com que differentes jornaes se teem utilisado dos seus trabalhos. O protesto, que n'este sentido exarou em o n.° antecedente, tractando do chloroforme, era uma consequencia de um dos dogmas da sua crença exposta no Prologo.

A Redacção não quiz deixar de usar do direito que lhe assistia, apezar de que esses jornaes tinham acompanhado o facto a que allude de actos mui cavalheiros.

O *Estandarte* copiou o artigo sobre Cholera Morbus, a proposito de tractar do que se deveria fazer ácerca d'este flagello. E por este modo a copia foi um louvor. Alem d'isso dedicou um artigo em especial á Revista.

Quanto á *Nação*, que copiou o artigo sobre Propriedade Litteraria, foi-nos mui delicadamente dito por um dos seus redactores, que tencionando esse jornal emittir a sua opinião sobre a Revista, deixaria ainda publicar mais algum numero, extractando no entanto alguns artigos, para que não tomassem o seu juizo como precepitado.

Por parte do *Lusitano*, que mais alguma coisa tem copiado que os jornaes citados, fizeram-nos eguaes declarações.

Entramos n'estas explicações, porque queremos fazer inteira justiça aos cavalheiros, que formam as Redacções dos jornaes de que fallamos.

A Revista lucta com immensas difficuldades para não seguir a sorte de outros jornaes litterarios do paiz, os quaes, apezar dos seus grandes creditos, cederam á força das circumstancias, e acabaram.

Francamente o declaramos, que este jornal representa um sacrificio em favor dos interesses physicos e moraes da nossa terra.

O trabalho é o unico recurso que temos para poder sustentar a Revista. A sua propriedade é por tanto um direito de que ninguem a póde esbulhar. Foi por estes motivos, que vimos com admiração, que o *Diario do Governo* lançou mão dos principaes artigos de um dos nossos numeros, para encher quasi metade do seu segundo numero d'este anno, havendo logo no primeiro começado a citar nos.

Consta-nos que a *Empreza* suprimíra um logar na redacção do *Diario*. Não esperavamos, que em logar do redactor ou traductor, que deixou de ter, mandasse para o Escriptorio mais uma thesoira, para semanalmente nos cortar as nossas vinte e quatro columnas, a fim de que tenham a honra de figurar nas suas paginas, visto que parece haverem-se acabado os jornaes do Brazil, d'onde cortavam á sua vontade, desde a parte official até aos annuncios, tudo debaixo do titulo de Variedades.

O *Diario* tem meios para ser o primeiro jornal do paiz, sem lançar mão de taes recursos; mas desgraçadamente os jornaes de todos os partidos são unanimes em declarar, que fóra a parte official e os artigos politicos, o *Diario* tem estado abaixo de qualquer censura.

E para melhorar, achou meio muito commodo, o aproveitar-se do trabalho alheio: pela nossa parte vae mal, porque podemos fazer-lho pagar caro. Similhante procedimento, para com o unico jornal, que entre nós se publica com o systema da Revista, é escandaloso da parte de uma *Folha*, que em prejuizo de toda a imprensa periodica está gosando do previlegio do porte-franco, sem que tenha sabido tirar proveito d'esta grande vantagem.

O porte é o maior obstaculo que a Revista tem a vencer; ora tirando-lhe os artigos um jornal que o não paga, este facto agrava ainda mais as circumstancias attenuantes do roubo.

Por hoje terminaremos protestando mui solemnemente contra a violação do direito de propriedade, commettida pela *Empreza* do *Diario* contra a *Empreza* da Revista.